

**Períopes** = trechos de passagens (trata-se de um pequeno trecho bíblico para o estudo e a comunicação da Bíblia. Também considerado de sinônimo de parágrafo.

**Delimitar** = é estabelecer limites, definir começo e fim.

**Definição da datação** = Do ponto de vista do método exegético aqui exposto, essa definição é secundária — você escolhe a datação que considerar mais adequada à luz da bibliografia que consultar. É necessária para que possamos começar a analisar as relações intertextuais e interdiscursivas no segundo ciclo da análise do plano do conteúdo.

**segmentação** = é um procedimento idêntico ao da delimitação, mas restrito aos limites da própria perícope.

**estruturação** = é o procedimento de identificação dos tipos de arranjo, de ordem das partes em que se divide a perícope. Após realizarmos a segmentação, procuramos descobrir as formas de encadeamento das partes da perícope.

**gênero textual** da perícope = chamado na exegese histórica de forma literária ou gênero literário.

**crítica textual** = é o estudo da transmissão dos manuscritos e da definição dos critérios com o objetivo de determinar o melhor texto disponível.

**crítica genética** = uma das especialidades da exegese histórico-crítica, que desenvolveu vários métodos para fazer tal exame (crítica das fontes, história das formas, história da tradição, história da transmissão, crítica da redação).

Dois maneiras de interpretar textos bíblicos do antigo testamento. Modos de interpretar: agônica (esforço, conflito – séculos 19, 20 e 21 caráter polêmico para comprovar quem é dono da verdadeira interpretação, o mais significativo, elemento conflitivo) e o modo através do diálogo construtivo: ou seja, existem inúmeros métodos e diferentes atitudes, perspectivas para se estudar um texto bíblico, mas no conjunto todas estas maneiras praticam são legítimas e viáveis dentro de seus limites (década de 60 em diante) trata-se de uma pesquisa mais construída a base do diálogo com outras maneiras, métodos e perspectivas.

### **Método Sêmio-discursiva**

Se baseia em 2 teorias lingüísticas (metodologias): Análise do discurso e semiótica.

- Fase Preliminar

Primeira sensação ao ler um texto bíblico construímos uma hipótese, uma visão sobre o que fala o texto e ao longo do método sêmio-discursivo conseguimos sistematicamente verificar e atestar esta percepção textual se está de acordo com o que o autor do texto desejou falar e trazer para os leitores.

Evitar leitura de textos soltos, acostumar a ler todo o livro ou pelo menos o capítulo anterior e posterior.

Nesta primeira leitura e fase preliminar é importante estabelecer definições de época em que o texto foi escrito e saber o máximo que puder sobre esta época, afinal nenhum texto será compreendido fora da sua época (culturas, sociedade, política, etc)

- Fase Preparatória

Analisa o texto enquanto plano de expressão (ou seja enquanto uma estrutura de linguagem)

- Fase Final

Analisar o texto enquanto plano de conteúdo (sempre analisando sob 5 pontos de vista diferentes, chamados de ciclos que se tratam das dimensões)

- dimensão espaço-temporal (relações das pessoas no espaço e no tempo)
- dimensão teológica (conceito teológico)

**Atenção Prezado amigo graduando: A leitura dos resumos não substituem a leitura e o uso da apostila completa do curso.**

- dimensão sociocultural (estrutura sócio cultural do povo)
- dimensão psicossocial (das pessoas e do seu povo)
- dimensão missional (missão da igreja – como este texto pode ser vivido e praticado na vida das pessoas)

## CONTEXTO

Contexto tradicionalmente se refere a história. O Contexto de um texto é uma realidade semiótica, e não uma realidade extralingüística ou extrasemiótica. Contexto nada mais é do que a realidade que o autor do texto leva em consideração ao escrever o texto (o ponto de vista do autor do texto em relação a realidade em que ele vive).

Para se entender o contexto de um texto é necessário ver sob uma visão ampla do que aparece dentro do texto de forma plural: para se entender é necessário conhecer estilos lingüísticos, memória de conteúdo e de formas, de situações. No mundo antigo os textos não eram escritos para as pessoas lerem, mas sim para os intelectuais estudarem (escribas, sacerdotes, sábios, profetas, etc) e depois através deles eram apresentados e explicados ao povo em geral – isto é uma situação comunicativa dos textos bíblicos.

No análise do contexto é importante olhar a lingüística. Quanto mais se conhece o contexto e toda sua profundidade, mais a interpretação e a leitura do texto bíblico será mais rica e mais cuidadosa e relevante.

Para compreender o texto bíblico é necessário olhar o texto com 4 visões:

- Realidade: realidade social, política, cultural tudo o que aconteceu, existiu...
- Situação retórica : situação específica ao que o texto nasce em resposta: “Porque o texto foi escrito?”
- Contexto: memória sócio-cognitiva, memória discursiva. Capta no texto a partir do texto e nos demais textos da época em que o texto foi escrito.
- Co-texto: perícopes que mantém relação com o texto. Ler o texto do livro todo.

Passos para estudar o Contexto:

- 1- Ler o texto bíblico desejando buscar de como o autor do texto via seu contexto.
- 2- A leitura deve seguir uma postura crítica: perceber como o texto se apresenta como verdadeiro, analise as pretensões de validade presentes no texto.
- 3- Tem de ser capaz de discernir que problemas o texto está tentando resolver no seu mundo (dentro da época em que ele foi escrito). “Quais são os problemas que o texto quer resolver?” – diferenciar os problemas da época e os problemas atuais.

## FASE PRELIMINAR

Familiarizar-se com o texto em seu contexto literário .

1. Ler o texto bíblico até ficar amplamente familiarizado com ele.
2. Anotar suas primeiras impressões e dúvidas sobre o texto (revisá-las a cada ciclo da leitura).
3. Ler o livro, ou seção do livro, ao qual o texto pertence, notando as principais inter-relações (vocabulário, pessoas, lugares, assuntos).
4. Definir, provisoriamente, a época em que o texto foi escrito e conhecer o máximo que puder sobre ela.

## FASE PREPARATÓRIA

Analisar o texto enquanto —plano de expressão. Em nosso caso, que trabalhamos com textos bíblicos, ocorre um fenômeno interessante: o plano de expressão quase se confunde com o plano de conteúdo, isto porque

**Atenção Prezado amigo graduando: A leitura dos resumos não substituem a leitura e o uso da apostila completa do curso.**

usamos a linguagem para produzir sentido e comunicar, e a matéria-prima dos textos é a linguagem. Para entender os sentidos de um texto, portanto, é preciso lidar tanto com sua textualidade (termo técnico para designar as regras do texto enquanto plano de expressão), quanto com sua discursividade (termo técnico que designa as regras do texto enquanto plano de conteúdo, ou, simplesmente, discurso).

São três os tipos de perguntas elaboradas a um texto bíblico a fim de analisá-lo na condição de plano de expressão:

1. Qual é o texto a ser interpretado (do ponto de vista da crítica textual e genética)?
2. Como o texto está delimitado, segmentado e estruturado? (que inclui a questão do gênero textual).
3. Que elementos do plano de expressão contribuem mais intensamente para a produção do sentido? (tais como a coesão textual, o ritmo, a métrica, a disposição das palavras).

## COMO FAZER ANÁLISE DO PLANO DE EXPRESSÃO

- Familiarizar-se com o texto, mediante repetidas leituras e do contexto literário ao qual ele pertence, e a anotação de suas características mais marcantes, as dúvidas e as primeiras impressões que o texto nos evoca. Alternativa complementar: estabelecer o texto, mediante a aplicação dos princípios da crítica textual e da crítica genética (somente se você considerar necessário), e traduzi-lo provisoriamente (apenas no caso de você usar o texto bíblico no idioma original).
- Situar o texto, provisoriamente, em seu contexto histórico, mediante o uso de bibliografia apropriada.
- Identificar as marcas lingüísticas que permitem a delimitação e a segmentação do texto.
- Notar os elementos da textualidade que poderão contribuir para a análise do plano de conteúdo.
- Elaborar uma síntese.

**Plano da expressão (texto).** Todo conteúdo que desejamos comunicar precisa receber uma forma concreta para que seja acolhido por outras pessoas. A essa forma concreta damos o nome de plano de expressão. Exemplos: fala, textos escritos, fotos, pinturas, sites, canções etc. Cada forma de plano de expressão possui regras próprias de análise, demandando, assim, várias semióticas (semiótica de texto, semiótica visual, semiótica plástica, semiótica da canção etc.). Como trabalhamos com textos escritos, nosso plano de expressão é, simplesmente, texto, e as regras de sua formação são explicadas pela textualidade (textualização, então, é o conjunto de mecanismos lingüísticos e culturais necessários para a produção de textos).

**Plano de conteúdo (discurso).** O mesmo conteúdo pode ser transmitido por diferentes planos de expressão, o que justifica a separação teórica entre os dois planos. Na semiótica greimasiana se entende que, qualquer que seja o plano da expressão, as regras de funcionamento do plano de conteúdo e os conceitos explicativos e os procedimentos de análise são os mesmos. Ou seja, na prática, os mesmos procedimentos de análise do plano de conteúdo aplicáveis a textos podem ser usados com qualquer outro plano de expressão. Outro termo usado para se referir ao plano do conteúdo é, simplesmente, discurso (e as regras para seu estudo, discursividade). No caso do estudo de textos, há um sincretismo entre o plano de expressão e o plano de conteúdo, pois ambos são —lingüísticos. Por isso, os termos texto e discurso são, muitas vezes, usados sem qualquer distinção.

**Crítica textual.** Disciplina científica voltada para o estudo dos processos de transmissão e cópia de manuscritos, que estabelece critérios para a definição da qualidade das cópias, para a história das cópias, para o estudo dos principais erros de cópia presentes em manuscritos etc. No caso dos textos bíblicos, ela é de grande importância, uma vez que não dispomos dos originais, mas apenas de uma quantidade relativamente grande de manuscritos copiados, bem como de traduções antigas, também manuscritas. As versões modernas da Bíblia procuram incorporar os resultados da pesquisa crítico-textual, de modo que podemos usá-las com confiança. No trabalho técnico, o uso dos idiomas

**Atenção** Prezado amigo graduando: A leitura dos resumos não substituem a leitura e o uso da apostila completa do curso.

originais e, conseqüentemente, da análise crítico-textual é importante e serve como um dos sinais da qualidade acadêmica de pesquisadores e pesquisadoras.

**Crítica genética.** Uso esse termo para significar todo um conjunto de métodos e seus respectivos procedimentos, que foram desenvolvidos nos últimos três séculos especialmente pela pesquisa histórico-crítica. É genética porque seu objeto primário é a explicação da origem dos textos e de seu processo de elaboração, desde a possível origem oral até sua forma final nos livros da Bíblia. Optei por não incluir esse tipo de trabalho neste manual, o que não quer dizer que ele não seja importante e necessário para que possamos compreender melhor a história da religião, do pensamento e da teologia de Israel e dos primeiros cristãos. Como é uma atividade altamente especializada, é preferível recorrer aos manuais próprios de exegese histórico-crítica a simplificar e caricaturar a crítica genética. Do ponto de vista da compreensão do sentido, a contribuição da crítica genética é mais voltada para a reconstrução dos contextos históricos em que os textos foram escritos e para a compreensão dos processos de textualização usados na antigüidade.

### CONCEITOS OPERACIONAIS

**Percurso gerativo do sentido.** Modelo explicativo, desenvolvido pela semiótica greimasiana, para simular o processo real de produção do sentido, tanto no âmbito da autoria —individual quanto no âmbito da sociedade e cultura na qual o sentido é produzido. Segundo José Luiz Fiorin: —O percurso gerativo do sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo. [...] Os três níveis do percurso são o profundo (ou fundamental), o narrativo e o discursivo. Em cada um deles existe um componente sintáxico e um componente semântico.

Como adaptei a metodologia semiótica ao estudo do texto bíblico, não sigo a estrutura de patamares do percurso gerativo, embora concorde com este e tenha adotado aqui sua lógica. Grosso modo, os Ciclos 1 e 2 correspondem à análise dos níveis discursivo e fundamental, e os Ciclos 3 e 4 , à do nível narrativo. Para maior compreensão do conceito e de sua lógica explicativa, deve-se consultar a bibliografia técnica em semiótica.

**Contexto literário.** Uso a expressão —contexto literário com sentido bastante restrito: refere-se ao livro da Bíblia a que pertence uma perícopes e, de forma ainda mais restritiva, à seção do livro a que ela pertence. Ao contexto literário corresponde, portanto, a análise das relações intratextuais (intratextualidade), ou seja, a análise de como a perícopes está estruturada em sua seção e em seu livro, e de que maneiras o livro e a seção determinam a interpretação da perícopes.

**Contexto histórico.** Refiro-me à época em que determinado texto foi escrito, como é comum na literatura sobre exegese. O termo técnico que prefiro e usarei mais constantemente é mundo-da-vida, que será explicado posteriormente. Por ora, basta indicar que o texto é uma realidade sociohistórica, não podendo ser abstraído de seu contexto sob pena de não ser compreendido.

**Delimitação e segmentação da perícopes.** A definição, como vimos, dos limites de uma perícopes e de suas partes constituintes, realizada mediante a análise das marcas lingüísticas deixadas no texto, e que nos orientam para a definição das unidades menores passíveis de interpretação. É necessário tomar certo cuidado com o hábito de interpretar perícopes, pois isso pode nos levar a isolar o texto de seu contexto literário, o que é altamente prejudicial para sua compreensão. Na prática, porém, a delimitação de perícopes é uma necessidade técnica.

**Estruturação da perícopes.** A análise das formas de organização dos segmentos de uma perícopes, de modo tal que possamos perceber como essa forma organizacional (sintáxica) contribui para a compreensão do sentido (semântica) do texto. As formas de estruturação de textos são culturalmente determinadas, razão pela qual precisamos conhecer bem as formas usadas nos contextos históricos em que os livros da Bíblia foram escritos. Há literatura especializada

**Atenção** Prezado amigo graduando: A leitura dos resumos não substituem a leitura e o uso da apostila completa do curso.

que nos ajuda nessa compreensão, tais como compêndios de introdução à Bíblia (Antigo e Novo Testamento), bem como manuais de estudo das formas literárias da Escritura e séries de comentários exegéticos especializadas no estudo das formas, ou com ênfase nesse estudo, além do estudo do conteúdo do texto. Segundo a terminologia sêmio-discursiva, a análise de um texto fica facilitada se o dividirmos, conceitualmente, em plano de expressão e plano de conteúdo. Cada um desses planos tem regras próprias de funcionamento que devem ser estudadas cuidadosamente. Neste manual, a ênfase recai sobre a análise do plano de conteúdo, restringindo-se a análise do plano de expressão ao estritamente necessário para a compreensão do conteúdo

## FASE FINAL

Analisar o texto enquanto —plano de conteúdo

### CICLO 1: DIMENSÃO ESPAÇO-TEMPORAL DA AÇÃO

No Ciclo 1(ESPAÇO-TEMPORAL) o texto é focado sob a perspectiva mais elementar da ação: toda ação é realizada por alguém e afeta outras pessoas, em um lugar qualquer e em um tempo qualquer.

As pessoas envolvidas são caracterizadas pelo texto, seja através das suas ações, seja através de qualificações ou juízos de valor que o texto faz a respeito delas.

Essa perspectiva mais elementar da ação corresponde, lingüisticamente falando, ao ato, também básico, elementar, da enunciação (a ação de enunciar, dizer algo, de mobilizar a língua para comunicar algo a alguém). É comum não prestar atenção ao tempo e ao espaço enquanto elementos decisivos no processo de significação dos textos. É necessário e importante sabermos quando e onde um texto foi escrito e, quando possível, quem o escreveu.

Todavia, muito mais importante ainda é analisar as pessoas, tempo e espaço enquanto elementos significativos do próprio texto, na condição de efeitos de sentido produzidos pelo próprio ato de enunciar. O que analisamos são os sentidos que as pessoas, tempo e espaço recebem no texto, e não os seus referentes históricos. Que tempo e espaço sejam cultural e pessoalmente significativos é algo que experimentamos cotidianamente, embora não nos apercebamos disto com freqüência. Você não sente que certos dias passam mais rapidamente do que outros, ou que certos lugares são mais importantes para nós do que outros? Estes são exemplos da significação dos espaços e tempos, do tipo de coisa que procuramos ao ler um texto em perspectiva sêmio-discursiva.

1. Quem age, onde, quando, fazendo o que, a quem?
2. Como são caracterizados agentes, pacientes, tempo e espaço?
3. Como o texto organiza essas ações e relações no tempo e no espaço?

## COMO FAZER

1. Alistar
  - a. As pessoas (personagens) que agem ou recebem ação, suas ações e suas caracterizações.
  - b. Os indicadores de espaço e suas caracterizações.
  - c. Os indicadores de tempo e suas caracterizações.
2. Analisar a organização das ações das pessoas no tempo-espaço do texto.
3. Elaborar uma síntese. (Lembre-se: também estamos preparando o terreno para os próximos ciclos. Todos os dados e conclusões aqui reunidos e formulados serão usados a cada novo ciclo).

### CONCEITOS OPERACIONAIS

**Atenção** Prezado amigo graduando: A leitura dos resumos não substituem a leitura e o uso da apostila completa do curso.

**Pessoa.** A ação é sempre realizada por alguém, que chamamos de pessoa (ou personagem). Pessoa é uma construção do enunciador, e pode ser uma representação mais próxima possível de pessoas reais, ou pode ser uma pessoa-tipo, construída a partir de pessoas reais, mas não equivalente a uma em particular. São vários os recursos possíveis para construir a pessoa no texto: as próprias ações que a pessoa realiza, os papéis socioculturais que desempenha, as caracterizações que recebe, e os juízos que dela são feitos.

**Espaço.** Quem age, sempre age em algum lugar. Nos textos, os espaços são locais significativos que delimitam e organizam a ação humana, sejam espaços reais ou imaginários. Como no caso das pessoas, os espaços podem ser típicos ou não e ajudam a construir os efeitos de sentido intencionados na enunciação. Os espaços se organizam ao redor de oposições do tipo aqui-lá, dentro-fora, perto-longe, esquerda-direita etc., em função de um ponto a partir de que ele se organiza. Os espaços podem ser apresentados em relação a um momento externo ao texto (ou ao da fala) ou em relação a um momento interno ao texto, em relação ao que é narrado no próprio texto. A importância e os significados do espaço variam de acordo com o texto e carecem de análise cuidadosa. A construção do espaço se dá mediante a figurativização, ou seja, mediante a adjetivação concreta dos lugares — distância, proximidade, tamanho, nomes, características geográficas. A figurativização é um mecanismo lingüístico de recobrir temas, de ocultá-los através das figuras. No caso do espaço, o que se busca na análise é sempre mais do que a sua geografia, mas a sua significação, quais os sentidos que o espaço adquire mediante a ação e a interação humana. Por exemplo, quando se diz —estou me sentindo em casa, não nos referimos à casa enquanto lugar de moradia, mas à casa enquanto um espaço seguro, agradável, familiar.

**Tempo.** Quem age, sempre age no tempo. Duas são as dimensões do tempo que devem ser analisadas na interpretação de textos: a **cronológica** (que tem a ver com a sucessão de momentos do tempo), normalmente indicada pelos termos presente, passado e futuro; e a **qualitativa** (que se relaciona com o modo de descrição da ação no tempo e que, na gramática e na semiótica, se chama de aspecto ou modo de ação).

As formas lingüísticas de marcar o tempo são os tempos verbais, os advérbios e as expressões adverbiais de tempo. Como no caso do espaço, os tempos podem ser ordenados em relação ao momento da fala, ou em relação a um marco temporal dentro do texto.

Esses tempos são ordenados como tempos concomitantes, anteriores e/ou posteriores seja ao momento da fala, seja ao marco temporal presente no texto, mediante um arranjo de tempos verbais e/ou advérbios temporais, que pode ser bastante complexo.

De forma simplificada, no caso do sistema verbal, temos na língua portuguesa:

- o uso do tempo presente do verbo para indicar predominantemente ação concomitante;
- os tempos pretéritos do verbo para indicar predominantemente ação anterior, e
- os tempos futuros do verbo para indicar predominantemente ação posterior ao marco temporal (da fala, ou do texto).
- o particípio e o gerúndio tendem a iludir a temporalidade cronológica, criando o efeito de sentido da permanência, durabilidade ou atemporalidade.
- o subjuntivo e o imperativo tendem a criar um efeito de expectativa, de ação ainda a ser realizada, de incompletude.

## CICLO 2: DIMENSÃO TEOLÓGICA DA AÇÃO

Quem escreve um texto, o faz para significar algo, para convencer (persuadir) alguém a acreditar em algo, a sentir alguma coisa, ou a realizar alguma ação etc. É através dos sentidos do texto que percebemos a sua intencionalidade,

**Atenção Prezado amigo graduando: A leitura dos resumos não substituem a leitura e o uso da apostila completa do curso.**

aquilo que o texto quer que creiamos, sintamos, ou façamos. Os sentidos de um texto são organizados por meio de elementos textuais e discursivos.

**Em primeiro lugar(RELAÇÕES INTERTEXTUAIS)** , o texto (como manifestação do discurso) é fruto dos conflitos e dos acordos discursivos de uma dada sociedade (de um contexto) — por isso, a totalidade da qual ele faz parte é chamada de interdiscursividade, que também pode se manifestar textualmente, sendo, então, chamada de intertextualidade. Assim como o sentido de uma perícopes depende do todo ao qual ela pertence (livro, coletânea, antologia), o sentido desse todo (e das perícopes que o compõem) depende do todo ao qual o texto pertence (o seu contexto).

**Em segundo lugar(ESTILO)**, o sentido é organizado por meio de formas de estilo (o aspecto estético do texto, que segue, em maior ou menor grau, padrões de beleza do contexto) e de argumentação (o aspecto persuasivo do texto, que também segue os padrões de validade das idéias em um dado contexto). Estilo e argumentação, juntos, são uma poderosa arma textual para convencer leitores e leitoras do valor do texto que está sendo lido.

**Em terceiro lugar (TEMÁTICO)**, o sentido é organizado através de percursos temáticos e/ou de percursos figurativo-temáticos (ou simplesmente temas), que são as combinações de palavras e frases debaixo de um tema comum (mais abstrato do que os temas e figuras que compõem o percurso). Os percursos representam os discursos do texto, os discursos com os quais o texto dialoga, e as formações discursivas do contexto do texto estudado.

Quanto mais conhecemos o contexto de um texto, tanto mais somos capazes de interpretar o texto.

Esta análise serve a dois propósitos: a) ajuda-nos a entender melhor os sentidos de um texto, pois estes dependem das relações que o texto mantém com outros textos e discursos; e b) auxilia-nos a localizar o texto no contexto e a compreender como o contexto contribui para a significação do texto.

Quais são as possibilidades de sentido teológico da ação e como elas estão organizadas

1. Identificar as marcas das relações intertextuais e interdiscursivas.
2. Analisar as relações intertextuais e interdiscursivas.
3. Elaborar uma síntese.

### CONCEITOS OPERACIONAIS

**Intertextualidade.** é o termo que explica o uso que um texto faz de outros, a ele anteriores, ou contemporâneos. Há três maneiras de uso de outros textos: a citação, quando um texto copia literalmente partes ou o todo de outro(s) texto(s); alusão, quando um texto se apropria não literalmente de partes ou do todo de outro(s); e estilização, quando um texto imita o estilo de outros.

**Interdiscursividade.** é o termo que explica o uso que um texto faz de discursos, a ele anteriores, ou contemporâneos. Há duas maneiras de uso de outros discursos: a citação, quando um texto copia percurso(s) temático(s) de outro(s); e a alusão, quando um texto se apropria mais livremente de percurso(s) temático(s) de outro(s). Tanto na interdiscursividade quanto na intertextualidade, o uso dos outros textos e/ou discursos pode ser de forma contratual (quando há um acordo de idéias), ou polêmica (quando os outros textos e/ou discursos são usados sem concordância).

**Marcas lingüísticas das relações intertextuais e interdiscursivas.** Há várias maneiras de explicitar as relações intertextuais e interdiscursivas, que ficam marcadas no texto. Pode-se mencionar claramente que se está citando um outro texto ou discurso; pode-se indicar essas relações mediante o uso de aspas, travessões ou outras formas de pontuação (o que não ocorria nos textos bíblicos originais); pode-se usar de recursos estilísticos como a ironia e a paródia; pode-se usar a negação e a implicação (pressupostos e subentendidos); pode-se usar glosas (comentários

**Atenção Prezado amigo graduando: A leitura dos resumos não substituem a leitura e o uso da apostila completa do curso.**

ou explicações. E.g., é comum em Juízes o refrão —naquele tempo não havia rei em Israel, claramente uma glosa. A glosa pode provir de uma redação posterior do texto, ou pode provir do próprio autor do texto.); podem-se usar também diferentes formas de inclusão de outras vozes: discurso direto (a fala da —voz é citada), e discurso indireto (a fala da —voz é marcada por um verbo de dizer e uma oração subordinada substantiva objetiva direta).

**conjunto de discursos** (idéias, ou temas, ou conceitos, ou noções), que se constitui ao longo da história e existe em uma dada sociedade, servindo para explicar a realidade na qual tal sociedade vive, e ordenar as ações e relações humanas nessa mesma sociedade.

### CICLO 3: DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DA AÇÃO

Há dois caminhos para analisar a dimensão social da ação em perspectiva sêmiotransdiscursiva. O primeiro é moldado pelo próprio texto, e o conceito teórico que o fundamenta é o **da narratividade**= a narratividade é uma dimensão de todo e qualquer texto, responsável pelas transformações dos sujeitos e pela busca de valores e da produção do sentido social.

Como analisar a narratividade textual? Toda ação é concebida como um fazertransformador de estados e pode ser assim analisada. Por exemplo, na sentença —Jesus veio de Nazaré||, o agir de Jesus indicado pelo verbo veio produz transformação no sujeito Jesus: antes, ele não estava no rio Jordão; agora, ele está lá. Para realizar uma ação, o sujeito necessita de intencionalidade e competência, características tanto pessoais quanto sociais. A intencionalidade engloba tanto a motivação para agir, quanto os objetivos da ação, pois quem age sempre o faz em busca de um objetivo, movido por um dever, ou por um querer. Entendendo a motivação como pessoal e social, a semiótica lhe dá o nome de manipulação. Se Jesus foi para o Jordão, é porque ele devia sair de Nazaré para realizar algum objetivo (o objetivo mais superficialmente evidente, no relato marcano, é o de ser batizado). A intencionalidade, porém, não é suficiente para dar conta da ação. É necessário que o sujeito seja capaz de realizar a ação desejada, que tenha competência para agir. Na linguagem semiótica, a competência se desdobra em saber-fazer e poder-fazer, que sintetizam todas as competências reais de pessoas no mundo. O alvo da ação é denominado objeto-valor, e o que é necessário para alcançar o alvo, objeto-modal. Dever, querer, poder e saber simulam todas as motivações e competências que, no mundo real, mobilizamos para agir. A busca de objetos-valor representa, sêmiotransdiscursivamente, as buscas pessoais e sociais por realização, os conflitos socioeconômicos, políticos etc. A ação realizada é denominada performance, que se desdobra em um fazer-ser (opera transformação no sujeito da ação) e em um fazer-fazer (efetua transformação na relação do sujeito com o objeto-valor). Uma vez realizada, a ação terá sido bem-sucedida ou não, o alvo terá sido alcançado ou não. Ou seja, a ação será avaliada, receberá (na linguagem semiótica) uma sanção, que pode ser positiva ou negativa. Estes quatro elementos compõem o que se chama, então, de percurso narrativo canônico — um simulacro (modelo) da ação humana em sociedade. A narratividade, portanto, é esse movimento, percurso, que vai da intencionalidade (manipulação e objetivo) à sanção, passando pela competência e performance

Por fim, o percurso narrativo canônico é composto por três percursos: o do sujeito da ação (que se desdobra em percurso do fazer e em percurso passional, que será objeto de análise no próximo ciclo), o percurso do destinador-manipulador (que instaura a intencionalidade da ação) e o percurso do destinador-julgador (que sanciona a performance). Sujeito e destinadores são construções teóricas, representam sêmiotransdiscursivamente diferentes atores pessoais ou sociais. Em um texto, podem representar pessoas ou instituições diferentes, ou estar sincretizados em uma pessoa textual. Novamente uma advertência é necessária. A descrição sêmiotransdiscursiva da ação é um simulacro, um modelo explicativo da ação e não uma cópia da ação real. Visa explicar como o texto dá sentido à ação em interação com o seu mundo da vida, não explica a ação realizada fora do texto.

Como o texto, em interação com seu mundo-da-vida, dá sentido à ação sob os pontos de vista da

1. sociedade;

**Atenção Prezados amigos graduandos: A leitura dos resumos não substituem a leitura e o uso da apostila completa do curso.**



2. cultura; e
3. religião?

#### CICLO 4: DIMENSÃO PSICOSSOCIAL DA AÇÃO

Como o texto, em interação com seu mundo-da-vida:

1. Descreve as relações passionais no texto?
2. Constitui a identidade dos agentes a partir de seus objetivos, motivos, de suas competências e relações passionais?

#### CICLO 5: DIMENSÃO MISSIONAL DA AÇÃO

Que possibilidades de ação e do sentido da ação o texto constitui no diálogo conosco? Como podemos praticá-las e/ou reescrevê-las em nossa realidade?

*Bons estudos e nos encontramos na próxima unidade !*

*Reunião no Pólo Campinas, todos os sábados para Aula Contextual,  
baseadas sempre na aula da segunda-feira.*

*Deus o abençoe !*

Carlos Xandelly

19 99194 9182